

# J.F. Kennedy, memória e editoração: tensões entre livro e revista em uma edição da TIME magazine

## J.F. Kennedy, memory and publishing: tensions between book and magazine in TIME magazine

Frederico de Mello Brandão Tavares<sup>1</sup>  
fredtavares.ufop@gmail.com

Márlon Uliana Calza<sup>2</sup>  
marloncalza@gmail.com

### RESUMO

O ex-presidente John F. Kennedy, além de personagem ícone da política dos Estados Unidos e mundial, foi protagonista de centenas de capas de revista. Nos últimos anos, em 2013 e 2017, dois volumes celebraram, respectivamente, os 50 anos da morte de JFK e o centenário de seu nascimento; ambos produzidos sob a chave memorialística do “legado”. A edição de 2017, de LIFE, e a de 2013, de TIME, transfiguram-se, cada qual, em uma “revista-livro”. Os dois exemplares convocam a trama material da produção livreira para relatar, em capítulos, a trajetória pública e privada do ex-presidente. Tomando a edição de 2013, da revista TIME, como objeto central da análise, o texto problematiza as tensões entre livro e revista, como materialidades gráfico-visuais e comunicativas. Analisa, assim, de que maneira essa afetação mútua reflete-se em uma produção jornalística, reconfigurando a natureza do periódico e caracterizando o conteúdo de um dossiê histórico, além de dar a ver princípios e questões editoriais mais amplas.

**Palavras-chave:** Revista. Livro. John F. Kennedy. Revista TIME. Edições especiais.

### ABSTRACT

Former President John F. Kennedy, as well as an iconic character in US and world politics, has starred in hundreds of magazine covers. In recent years, in 2013 and 2017, two volumes celebrated, respectively, the 50th anniversary of JFK’s death and the centenary of his birth; both produced under the memorial legacy key. LIFE’s 2017 edition and TIME’s 2013 edition each transform into a “book magazine”. These two editions summon the material plot of book production to report, in chapters, the public and private trajectory of the former president. Taking the 2013 issue of TIME magazine as the central object of the analysis, the text problematizes the tensions between book and magazine as graphic-visual and communicative materialities. It analyzes how this mutual affectation is reflected in a journalistic production, reconfiguring the nature of a magazine and characterizing the content of a historical dossier, revealing editorial principles and temporalities.

**Keywords:** Magazine. Book. John F. Kennedy. TIME magazine. Journalistic Dossiers.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Rua Diogo de Vasconcelos, 122 – Pilar, Ouro Preto (MG).

<sup>2</sup> Centro Universitário Ritter dos Reis. Rua Santos Dumont, 888 - Niterói, Canoas (RS).

## Introdução

Em janeiro de 1962, um ano após sua posse como presidente dos Estados Unidos, John Fitzgerald Kennedy (JFK) estampou a capa da revista TIME, magazine semanal estadunidense, como “*The Man of the Year*”. A relação do político com as *newsmagazines*, com destaque também para outro periódico, a LIFE, ultrapassa os anos. Sua trajetória pessoal e política foram e seguem sendo pauta para edições que, mesmo no presente, atualizam e renovam os sentidos sobre sua vida, criando, a partir desta personagem, uma memória não apenas do ex-político, mas do próprio país. Algo que revela, também, uma memória sobre a própria mídia dos EUA, sobre a relação desta com a política, e sobre os periódicos em específico, em seus diferentes vieses.

Uma rápida pesquisa de caráter documental nos arquivos oficiais destas publicações na internet revela um valioso conjunto de primeiras páginas com a imagem de John F. Kennedy (seja estrelando reportagens, seja protagonizando edições especiais inteiramente). Em 2013 e 2017, dois volumes celebraram em suas capas, respecti-

vamente, os 50 anos da morte de JFK<sup>3</sup> e o centenário de seu nascimento; ambos sob a chave do “legado”. Entre eles, entretanto, outra “complexa” (e, por isso, passível de análise) semelhança: a edição de 2017, de LIFE (Figura 1), e a de 2013, de TIME (Figura 2), transfiguram-se, cada qual, em uma “revista-livro”.

Os dois exemplares convocam a trama material e visual da produção livreira para relatar, em capítulos, a trajetória pública e privada do ex-presidente. Tomando a edição de 2013, da revista TIME, como objeto central de análise, este texto busca pensar as tensões entre revista e livro, como materialidades comunicativas, e de que maneira isso se reflete em uma produção jornalística, reconfigurando a natureza do periódico, seus processos de editoração e de constituição da memória, além da própria caracterização daquilo que pode vir a ser constituído como um dossiê histórico jornalístico.

Nas edições, a presença de John F. Kennedy emerge como uma pauta jornalística duradoura, que faz cruzar temporalidades e aciona um papel político e memorialístico para o jornalismo, mobilizando um complexo conjunto editorial. Como afirmam Bruck e Antunes (2017,

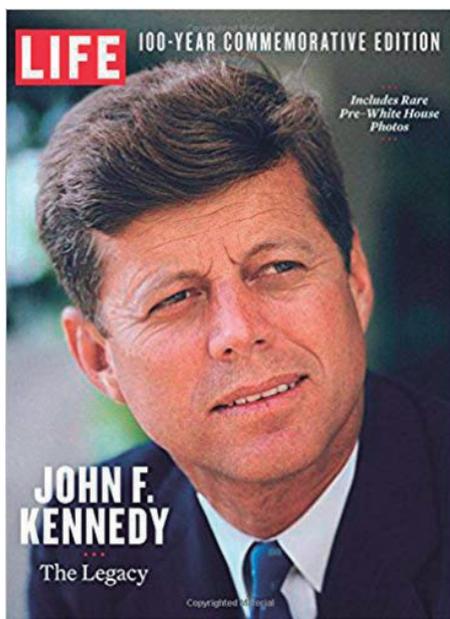


Figura 1. Revista LIFE, 29 de maio de 2017.

Fonte: Reprodução da Internet

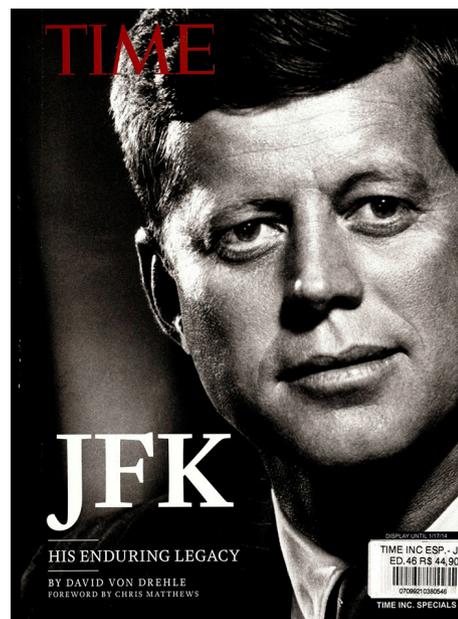


Figura 2. Revista TIME, 15 de outubro de 2013.

Fonte: Reprodução do Autor

<sup>3</sup> A revista *The Atlantic* também publicou edição especial sobre a data. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/toc/2013/08/> Acesso em 28. Jul. 2018.

p. 239), “independentemente das mídias que os suportam [os papéis do jornalismo], registros textuais e imagéticos referenciam e nutrem nossas percepções do passado mais recente – por assim dizer, uma refração da refração”. Nesse sentido, contribuiria o jornalismo “para a construção diária da imagem de personalidades públicas ao reportar situações de sua vida” e [...] “consequentemente, para a construção e reconstrução dessas imagens e da memória coletiva sobre determinadas pessoas e/ou situações”. De forma ainda mais abrangente, Barbosa (2017, p. 22) explica esse papel midiático e sua relação com o tempo social: “no processo de reconstrução do passado como história, os meios de comunicação incluem em suas narrativas materialidades que presentificam o passado, construindo-se como produtores de uma história imediata e reconstrutores da integralidade do passado”<sup>4</sup>.

Observando TIME dentro dessa perspectiva, é possível perguntar sobre as estratégias pensadas para essa operação de relação entre jornalismo e passado, tendo em vista quais elementos são elencados para agenciar os sentidos em torno de um tema ou personagem – no caso, JFK. A ênfase nas (e o uso das) relações estabelecidas entre as revistas e os livros, em seu aspecto gráfico-visual e conceitual faz com que aproximações e distinções entre projetos gráficos estabeleçam uma possibilidade editorial memorialística para o periódico e sobre o ex-político. E o que isso significa? Como essa escolha potencializa e complexifica uma leitura sobre o passado e desenha disposições sobre a memória?

Desta forma, realiza-se, aqui, a análise sobre as interfaces gráficas exploradas pela edição especial dos 50 anos da morte de JFK e problematiza-se sobre como tais usos remetem a uma configuração de significados para uma cobertura e revela usos do passado (Barbosa, 2008) pelo e para o periódico. Indica-se, de certa forma, em analogia à proposição de Pignatari (1996), uma leitura sobre uma “biodiagração” realizada por TIME, observando um conjunto específico de “biografemas”. Do ponto de vista analítico, considera-se como aspectos memorialísticos e editoriais interligam-se no produto ana-

lisado, promovendo um cruzamento de aspectos sociais e históricos à uma narrativa jornalística engendrada por dinâmicas relacionadas a uma cultura material e gráfica. Nesse sentido, observa-se um duplo movimento realizado pela edição da revista, aqui metodologicamente categorizado: o de afirmação de uma identidade editorial [revelada na tensão entre as materialidades de revista e livro] e o de atualização de uma memória coletiva específica e “total” [acerca de um político, de uma história nacional e de uma revista].

Mais que uma edição propriamente biográfica, o volume de outubro de 2013 pode ser visto como um artefato histórico, colecionável, cuja performance jornalística cria uma coerência para a história de vida de uma personagem, entrecruzando-a à história de um país, celebrando e atualizando, indiretamente, o próprio lugar de TIME – como metonímia de outras publicações – nesse trajeto, como ator perene que reitera a fabricação de uma imagem e um imaginário coletivo acerca de um sujeito político. Trata-se de um objeto que faz convergir, pelo jornalismo e os caminhos da editoração, aquilo que Le Goff nos lembra – “[...] a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder” (Le Goff, 1990, p. 477) – e que Halbwachs (2013) esmiúça, lembrando que qualquer memória é uma construção de um grupo social, que estabelece o que deve ser lembrado e os “lugares” de preservação dessa mesma memória.

## JFK: uma pauta que perdura

A cobertura de fatos históricos e personagens memoráveis pelo jornalismo, em geral, acontece por efemérides. Eventos e sujeitos do passado ocupam as manchetes e espaços jornalísticos na/da imprensa em atos comemorativos ou celebratórios nos quais, no presente, a mídia não apenas ressignifica o que passou, mas também fala, direta ou indiretamente, sobre si mesma. É comum, portanto, que em edições especiais – como aquela aqui estudada – uma espécie de *musealização* jornalística se efetive<sup>5</sup> e, com ela, caminhem juntas tanto

<sup>4</sup> Ou, como alerta Chartier (1990, p. 20) em relação a imagens e conteúdos do passado que reaparecem em outros tempos: “a representação é um instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstituir em memória e de figurar tal como ele é”.

<sup>5</sup> Como relembra Ribeiro (1998) a partir de Huyssen (1996), “o passado tornou-se o paradigma-chave não só das práticas discursivas da mídia jornalística” (p. 2), mas corresponde a uma sensibilidade de temporalização da vida hodierna. Assim, no mundo de hoje, “o apelo à memória e à história representa uma tentativa de diminuir o ritmo acelerado das informações, de resistir à dissolução do tempo, de descobrir uma forma de contemplação fora do universo da informação rápida, de afirmar um espaço em um mundo de desnorteante e ameaçadora heterogeneidade” (p. 10).

uma afirmação sobre os sentidos do tempo quanto uma *auto-referenciação* midiática (Ribeiro, 1998).

A morte de John F. Kennedy é, sem dúvida, um acontecimento de repercussão perene. Sua reverberação faz parte de um *continuum* que, em relação à imprensa estadunidense, realiza, de maneira indefinida, retornos a um passado oscilatório entre a rememoração de uma “tragédia nacional” e a exaltação de um líder e de uma época (George, 2012). Trata-se de um assassinato que não apenas corresponde a uma identidade coletiva, mas também, nesses termos, a uma memória constantemente em pauta<sup>6</sup> nos/pelos diversos meios de comunicação<sup>7</sup>. A “duração” relacional de JFK no imaginário e na mídia (um em relação ao outro) remonta à reflexão de Halbwachs (2013) sobre a memória coletiva e seu funcionamento dentro de “perenidades” que vão se articulando social e historicamente, inclusive na construção de uma memória histórica por instituições e atores sociais:

*[...] não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados e noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte da mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (Halbwachs, 2013, p. 39).*

É nesse lugar de organização social da vida a partir da memória (Pollak, 1989), que concretiza e atualiza “uma concepção de memória como processo,

em movimento constante de construção/desconstrução” (Bernd, 2013, p. 25), onde o jornalismo também atua. No caso da morte de JFK, já nos anos seguintes ao assassinato, 1964 e 1965, estudos sobre o papel de difusão e cobertura do ocorrido pela mídia foram realizados (Banta, 1964; Greenberg, 1964; Greenberg; Parker, 1965; Sheastley; Feldman, 1964). Anos depois, outros estudos e reflexões reforçam (e interpretam) esse imaginário, seja demonstrado o papel de Kennedy como personagem no imaginário dos cidadãos, seja em relação aos acionamentos jornalísticos que sua imagem segue produzindo (Fedler *et al.*, 1983; Livingstone, 2004; Merrill, 1965)

No ano de 1988, em uma pesquisa de opinião realizada pela Associated Press/Media General, 62% dos ouvidos relatou sentir a morte de Kennedy como “uma perda pessoal”, “como perder alguém da família” (Appleton, 1998, p. 13). Dez anos depois, 35 anos exatos da morte do político, essa relação com o evento permanecia.

*Este ano marca o 35º aniversário do assassinato de John F. Kennedy. Considerada a era das pesquisas de opinião pública, nenhum outro evento parece ter tido um impacto tão poderoso sobre os americanos. Quando uma enquete da Gallup, em março de 1994, perguntou, “Que evento histórico que ocorreu durante a sua vida você se lembra mais vividamente?”, um terço de uma amostra nacional citou o assassinato de Kennedy<sup>8</sup>.*

Na cultura estadunidense, como aponta Reuband (2010), o assassinato do ex-presidente Kennedy e o atentado ao ex-presidente Reagan, enquanto acontecimentos traumáticos, são comparáveis somente ao ataque em 11 de Setembro de 2001 ao WTC em Nova York. O que não

<sup>6</sup> Inclusive pelas controvérsias: <https://www.theguardian.com/books/2013/nov/01/john-f-kennedy-assassination-50-years-conspiracy-books-film>. Acesso em: 25. Jul. 2018.

<sup>7</sup> Ainda no âmbito das chamadas *newsmagazines*, a capa de junho de 1977 da famosa revista *Esquire*, indica esse fenômeno de adoração e presença de JFK. A chamada da reportagem principal destaca: “In that sense, John Fitzgerald Kennedy was the last President the American people looked up to, in the old, unquestioning way. He was our young emperor, before the throne became bloodied and the cause tarnished by its own excesses. He was the last leader in a time when Americans were eager to follow. After his years, the imperial Presidency may have gathered power — mostly by illicit means — but it could no longer inspire the people or symbolize their spirit”. Disponível em: <https://www.esquire.com/news-politics/g396/esquire-kennedy-covers-120809/?slide=7>

<sup>8</sup> Em 1998, a revista *The Public Perspective* publicou uma edição especial sobre os 35 anos da morte de JFK, onde se encontra o texto de Appleton (1998) e outros 11 artigos. O original do trecho citado está assim publicado: “This year marks the 35th anniversary of the assassination of John F. Kennedy. No single event during the era of public opinion polling appears to have so powerful an impact on Americans. When a March 1994 Gallup pool asked “What historical event that occurred during your lifetime do you remember most vividly?” a full third of a national sample cited the Kennedy assassination”. Disponível em: <https://ropercenter.cornell.edu/public-perspective/1998/kennedy-presidency-35-years-later> Acesso em 19 Ago. 2019.

significa que possuam a mesma dimensão ou natureza<sup>9</sup>. Apesar das diferenças, o papel da mídia e da cobertura jornalística, em todas as ocasiões, foi não apenas o de relatar o ocorrido, mas também o de assumir um lugar de mediador autorizado sobre os processos; investindo, pois, na construção de juízos de valor – como a leitura sobre o terrorismo em 2001 (Bail, 2012; Bracken *et. al.*, 2005; Duyvesteyn, 2004; Gepli *et. al.*, 2013) – ou na formulação de uma autoridade sobre a própria ação da imprensa, como testemunha e correspondente legítimos (Zelizer, 1993). Nos anos seguintes, a mesma mídia segue marcando as ocasiões por meio de coberturas memorialísticas, além de configurar um passado sobre os episódios e personagens.

Como aponta Carolyn Kitch (2002), as *newsman-ganize* estadunidenses e outros veículos criaram, ao longo dos anos, uma espécie de autoridade cultural para contar a história do país, sendo objetos centrais para a compreensão do passado dos Estados Unidos<sup>10</sup>. Em seu estudo sobre as edições especiais de aniversário de diversos títulos jornalísticos, a autora afirma:

*As revistas oferecem uma mistura de autoridade e interpretação que lhes permite explicar o que significa a vida americana. [...] Para muitos leitores, as edições de aniversário servem como o que os folcloristas chamam de “objetos de memória”, permitindo que seus proprietários se lembrem “do contexto do qual fizeram parte”. [...] Nesse*

*sentido, as revistas compradas e mantidas por motivos de memória são cultura material assim como são texto jornalístico; elas são artefatos (Kitch, 2002, p. 45-46)*<sup>11</sup>.

Neste cenário, a importância das personagens políticas e sua perpetuação, em conjunto com o fazer dos produtos noticiosos e de seus profissionais – nos EUA e em outros países, mas com grande singularidade ali – fazem parte de uma espécie de tradição. Sem entrar em questões específicas sobre as características do jornalismo político estadunidense, objeto muito amplo e também bastante estudado, um rápido olhar sobre a presença dos governantes na mídia hegemônica daquele país indica alguns pontos. Em 2014, o pesquisador Daniel Hadley, vinculado ao *Sorenson Impact Center*, instituição ligada à *University of Utah's Business School*, publicou estudo<sup>12</sup> que quantifica a presença de personalidades como protagonistas das capas da revista TIME desde 1923. Dos 29 nomes relacionados, os seis primeiros são de ex-presidentes dos Estados Unidos, sendo Jesus o sétimo da lista. O primeiro colocado, Richard Nixon estampa 49 capas, 26 a mais que o líder religioso mundial. Ronald Reagan aparece em segundo lugar, com 45 publicações e John Kennedy aparece em 13º lugar, em 16 edições. É JFK, entretanto, o presidente da história recente dos EUA com imagem mais duradoura: entre sua primeira capa e a última, em 2014, há um intervalo de 56 anos<sup>13</sup>.

<sup>9</sup> “O ataque criou uma situação em que tudo parecia possível e onde todas as pessoas podiam ser afetadas de uma maneira ou de outra, direta ou indiretamente. A esse respeito, o evento foi muito mais alarmante do que eventos extraordinários ou chocantes do passado – como o assassinato de John F. Kennedy ou a tentativa de assassinato de Ronald Reagan. Em ambos os eventos, a nação ficou arrasada porque o próprio presidente dos EUA havia sido o alvo e a questão era como isso afetaria o funcionamento da nação. Mas no caso de 11 de setembro, o evento parecia muito mais dramático, com um impacto e uma ameaça muito mais amplos. A própria base da vida e da economia americana se tornara alvo de terror. A segurança pessoal não podia mais ser considerada garantida pelo cidadão comum, e todos – e não apenas os políticos – pareciam representar uma potencial vítima de terrorismo” (Reuband, 2010, p. 437). [Do original: “The attack created a situation where everything seemed possible and where all people could be affected one way or the other, directly or indirectly. In this respect the event was much more alarming than extraordinary or shocking events of the past – such as the assassination of John F. Kennedy or the assassination attempt on Ronald Reagan. In both these events the nation was devastated because the president of the USA himself had been the target and the question was how this would affect the running of the nation. But in the case of September 11 the event looked much more dramatic, with a much broader impact and threat. The very basis of American life and economy had become the target of terror. Personal security could no longer be taken for granted by the average citizen, and everyone – not just politicians – seemed to represent a potential victim of terror”].

<sup>10</sup> Ver também Kitch (2003, 2011).

<sup>11</sup> Do original: “Magazines offer a blend of authority and interpretation that allows them to explain what American life means. [...] For many readers, anniversary issues serve as what folklorists call “memory objects”, allowing their owners to recall “the context of which they were once a part”. [...] In this sense, magazines that are bought and kept for memory reasons are material culture as well as journalistic text; they are artifacts” (Kitch, 2002, p. 45-46).

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.danielphadley.com/time-covers/>. Acesso em: 23. Jul. 2018.

<sup>13</sup> O que acontece também em outros títulos, como o especial da revista LIFE de 2017, sobre o centenário de nascimento de JFK. Ver: <http://time.com/4758284/jfk-legacy-introduction/>. Acesso em 29. Jul. 2018.

A edição especial de 2013 da revista TIME, que remete aos 50 anos da morte de John F. Kennedy, traz consigo, portanto, uma dupla memória. Por um lado, celebra a figura do ex-presidente, repautando sua história pública e pessoal, em tom biográfico, sob o viés do “legado”. Por outro, atualiza o modo de ser (Tavares, 2013) da própria publicação, fazendo convergir em uma edição especial temporalidades materiais, gráfico-visuais e editoriais que permeiam sua produção e identidade. Aspectos que inserem a revista na empreitada “de garantir posição privilegiada como gestor do tempo, o que incluiria não somente o presente (ou melhor, o passado recente na forma notícia), mas também o ‘passado histórico’” (Matheus, 2009, p. 112).

Nessa ritmização ritualística do cotidiano e da memória, na qual a figura de um ex-presidente aparece como eixo, TIME tanto celebra a si mesma, quanto renova de maneira instituinte o imaginário acerca do político histórico. “Esse ritual teria uma função legitimadora, na medida em que constitui a performance de um grupo profissional simbolizando um objeto cultural específico e também suas práticas” (Matheus, 2009, p. 111), o que significa também que, por meio das edições especiais (e também das edições de rotina), um grupo mais amplo de pessoas compartilha “uma produção de certo sentido do jornalismo pela experiência de seu consumo” (Matheus, 2009, p. 111).

A edição especial de TIME, pode-se dizer, formula uma versão válida de passado e, conseqüentemente de presente e futuro (Bodnar, 1994 *in* Matheus, 2009), celebrando patrioticamente, também, os Estados Unidos. O dossiê, entretanto, ao fazer isso a partir de uma personagem, mais que realizar um “jornalismo biográfico”, nos moldes daquele praticado em livros específicos, aciona outros elementos que extrapolam o relato textual como objeto principal de reflexão deste labor narrativo.

Se a “a biografia é um produto de consonância e dissonância entre o factual e o ficcional, e a subjetividade do relato biográfico e o como dizer esta narrativa se interpõem como imbricações conflitantes do fazer biográfico, como na historiografia” (Fonseca; Vieira, 2011, p. 105), a edição de TIME especial de novembro de 2013 materializa este fazer na interlocução e no tensionamento entre a natureza editorial e material de uma revista e a de um livro, fazendo emergir uma pauta cujas partes, transformadas em conteúdos jornalísticos, compõem um complexo quebra-cabeça.

Como apontam Rocha e Xavier (2013), o elo entre o livro e o jornalismo é secular, sendo o primeiro

não apenas um suporte, mas também um configurador de estilos e procedimentos. Não à toa, é desta matriz também o diálogo do jornalismo com a literatura e com outros campos do saber, alocando e legitimando este campo como um dos artífices de interpretação da sociedade.

No jornalismo, os chamados livros-reportagem encontram-se localizados no rol de produtos cujas pontes com temporalidades alargadas são algo frequente (Belo, 2006; Lima, 1998, 1995). Além disso, nestes produtos, não se destaca apenas o trabalho narrativo com o presente, passado e futuro, mas também com práticas relacionadas a fluxos de apuração mais extensos e voltados para publicações de periodicidades especiais. Por tal motivo, no momento em que TIME convoca um formato específico para orientar sua edição especial – o livro – ela faz com que sua grande reportagem sobre JFK transborde os sentidos e expectativas a ela previstos no *habitus* de sua comunicação. Da produção à circulação, o dossiê se atrela, portanto, a outras referências, principalmente gráficas, que configurarão os sentidos para aquilo que ele propõe como conteúdo jornalístico e dotarão tal informação (verbal e visual) de um caráter memorial, duradouro e colecionável.

## Objeto-Revista x Objeto-Livro: materialidades gráfico-visuais em interlocução

Do mesmo modo que as revistas, por sua natureza múltipla, atendem a uma noção de segmentação – seja em seu escopo temático ou pelo perfil do leitor ao qual se destinam –, os livros atendem a uma diversidade de abordagens e expressões. Considera-se, nesse sentido, não somente os diferentes gêneros literários e narrativos existentes e, conseqüentemente, a diversidade temática publicada, mas também suas variadas funções e manifestações, que contribuem para a sua definição e classificação, como propõe Paiva (2010). Observa-se, assim, a partir da referida autora, a produção e a circulação de diversos tipos de livro: de leitura sequencial (ensaio, memória, romance, novela, história em quadrinhos etc.); obra de referência; livros digitais ou *e-books*; livros raros; livros de arte; livros de artista (livro-objeto e *livre-jeu*); *flip books*; livros *pop-up*; e livros *fore-edge* (Paiva, 2010, p. 84-89). Cabe mencionar, ainda, os livros de bolso e os *coffee table books*, cujos propósitos também estão diretamente relacionados ao seu projeto gráfico: ou seja, os gêneros – e sua classificação – também

estariam diretamente imbricados à sua configuração material, física e gráfico-visual. De acordo com Tschichold (2007, p. 61), por exemplo, esta relação estaria tão próxima e imbricada que “o formato de um livro” seria “determinado por sua finalidade”, considerando-se, aí, aspectos relacionados não somente à natureza dos conteúdos publicados, mas também a ergonomia visual e cognitiva.

Por outro lado, se, no que diz respeito ao tratamento dado aos temas, a revista se aproxima do livro e afasta-se do jornal (Nascimento, 2002; Scalzo, 2004), em seu(s) projeto(s) gráfico(s) certa proximidade também pode ser percebida, sobretudo em razão da *natureza* (ainda que genérica) dos elementos de ordem gráfico-visual empregados em seus *layouts*: tipografia, cores e ilustrações, de cunho fotográfico ou pictórico, por exemplo, são frequentemente utilizados em ambos, tanto em suas capas quanto em seu miolo, para dar voz a determinadas narrativas; para orientar percursos e modos de leitura; além de moldar e revelar a estrutura editorial dos produtos – ainda que, em sua concepção e caracterização, as revistas e os livros guardem e apresentem diferenças que lhes são inerentes e específicas.

Se as revistas, em seus conteúdos, geralmente obedecem a uma estrutura editorial constituída pela presença de capa, seguida pelo sumário, editorial, ficha técnica, além de editoriais e seções, intercaladas pela presença recorrente de anúncios publicitários, os livros, por outro lado, frequentemente são caracterizados por elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais (Araújo, 1986; Hendel, 2003; Lupton, 2006; Tschichold, 2007), sendo, o seu conteúdo, distribuído em capítulos expressos e organizados pelo sumário<sup>14</sup>.

Por outro lado, no projeto gráfico, as divergências entre os objetos ainda podem ser observadas no *modo* como os elementos gráfico-visuais caracterizam-se e na forma como são utilizados; ou seja, além de moldarem-se de acordo com as narrativas, a estrutura do conteúdo, o tema e o *tipo* de obra produzida, também apresentam diferentes configurações espaciais, nos *grids* e arranjos orientados por determinadas estratégias compositivas: se, a título de exemplo, as revistas semanais brasileiras normalmente adotam um *grid* em colunas para dispor seus textos, os livros de leitura sequencial, na forma de romances em circulação no mercado brasileiro e, segundo

a classificação proposta por Paiva (2010), apenas para citar um deles, geralmente obedecem a uma estrutura rígida e padronizada, em uma única base ou coluna de textos, alinhados à esquerda ou justificados, por exemplo. Além disso, se essas mesmas revistas, em suas composições tipográficas e verbais, apresentam uma quantidade expressiva de níveis (dos títulos, subtítulos, assinaturas e destaques... aos fólhos), os livros do gênero mencionado possuem menor contraste, em relação à quantidade e aos tipos de elementos (verbais e tipográficos) empregados, embora as narrativas (tipográficas) também apresentem certa complexidade.

Por conseguinte, a dessemelhança torna-se também visível a partir da materialidade, aspecto do projeto gráfico que traduz uma característica associada à relação que os produtos estabelecem *com e no* tempo, além de revelar e/ou moldar práticas de leitura e consumo: ainda que a revista possa ser considerada mais duradoura que o jornal; que, em sua relação com os leitores, seja caracterizada pelo colecionismo, pela confiança e pelo afeto (Benetti, 2013); e que trate de conteúdos atuais, flertando com o passado e com o presente, a (revista) pode ser tida como objeto efêmero, regular e periódico; sua forma e suas características físicas costumam diferenciar-se daquelas do livro (ao menos nas edições de periodicidade semanal ou mensal) seja em função dos formatos, do tipo de suporte empregado em sua(s) capa(s) e miolo(s), ou, ainda, em razão do método de encadernação empregado na reunião de suas folhas, páginas e cadernos.

Se o livro se caracteriza como um objeto cujo intuito é o registro e a transmissão do conhecimento, é (também) na sua dimensão física que o conceito se concretiza, materializa e se revela: ao mobilizar autores como Rabaça e Barbosa (2001) e Febvre (1992), Paiva (2010) afirma que o livro pode ser considerado, dentre outras definições, “publicação não periódica que consiste, materialmente, na reunião de folhas de papel ou de material semelhante impressas ou manuscritas, organizadas em cadernos, soltas ou presas por processos de encadernação e técnicas similares”; “[...] volume transportável” deve ser “composto por, pelo menos, 48 páginas, sem contar as capas, contendo texto manuscrito ou impresso e/ou imagens e que forma uma publicação unitária ou a parte principal de um trabalho literário, científico ou outro”

<sup>14</sup> Certos princípios e orientações relacionadas à diagramação dos produtos editoriais podem ser observadas em diferentes contextos: no que diz respeito ao processo produtivo das capas de livros, por exemplo, Lupton (2006, p. 90), sugere que o modo de orientação das linhas de base relativo à leitura de cima para baixo é predominante nos Estados Unidos, por exemplo. Já o inverso poderia ser observado nos livros franceses.

(Paiva, 2010, p. 83). Ademais, “fisicamente, o livro”, em si, refere-se ao “conjunto de folhas impressas – agrupadas em fascículos ou cadernos numerados em ordem crescente e costurados para funcionar como sanfona – inseridas, coladas e protegidas por uma encadernação ou capa” (Satué, 2000, p. 17).

Tradicionalmente, a manufatura do livro obedece e/ou atende a um processo produtivo que prioriza a adoção de um formato associado ao retângulo vertical (Hendel, 2003, p. 34), além da confecção da capa dura e da encadernação em costura, – muito embora, ao longo de sua trajetória, as capas rígidas tenham sido substituídas por aquelas flexíveis ou em brochura (Lunardelli, Rossi Filho, 2004), comumente associadas à produção das revistas –. A concepção do livro, desta forma, está atrelada a uma ideia de resistência e durabilidade, aspectos que condicionam e reforçam a sua ação, no tempo, como agente de e/ou para o registro e a transmissão do conhecimento (Paiva, 2010). “No curso de cinco séculos e meio de sua história”, sugere Satué (2000, p. 17), “esse conjunto glorioso de folhas impressas”, ou seja, o livro, organizou-se convencionalmente em uma estrutura constituída por uma série de elementos, tais como páginas de rosto, ante-rosto, créditos, dedicatórias, de texto, além de apêndices; somam-se, aí, capa, sobrecapas, lombada e guardas.

*Em síntese, tal é a morfologia do objeto que nos propusemos analisar. Curiosamente, a natureza física do livro impresso pouco mudou nos cinco séculos e meio da aventura histórica a ponto das definições tão assépticas e precisas, como as anteriormente arroladas, poderem aplicar-se indistintamente a livros do passado, do presente e talvez do futuro (Satué, 2000, p. 20-21).*

Ainda no que diz respeito às diferenças entre os produtos editoriais, cabe ressaltar que o projeto gráfico define e revela o modo como a revista estabelece uma relação com o tempo e com estratégias de legitimação<sup>15</sup>, tanto no que diz respeito à sua materialidade e perenidade, quanto no que concerne ao seu *modo de fazer*: enquanto

estrutura padronizada, orientada pelo projeto editorial do periódico, o projeto gráfico orienta o modo de produção das revistas em suas diferentes edições, de tal forma a criar a unidade e a continuidade entre as seções de uma edição, considerando-se a construção de narrativas geralmente compostas por elementos verbais e visuais. Ademais, (o projeto gráfico) gera uma unidade e continuidade entre as edições de determinado título, ou seja, edição-a-edição; estabelece certos contratos de leitura e reforça vínculos junto aos leitores; além de facilitar a diagramação do produto, em uma estrutura muitas vezes constrangida por razões comerciais, temporais ou editoriais, caracterizada pela atuação conjunta de uma diversidade de profissionais (Gruszynski, Calza, 2013) – entre editores, jornalistas, redatores, designers, diretores de arte e fotógrafos, por exemplo.

O projeto gráfico dos livros, por outro lado e à sua maneira, atende a aspectos associados aos temas, ao perfil do leitor, do autor, da editora e/ou editor, tal qual o periódico jornalístico, muito embora as noções de unidade e continuidade, nesse contexto, possam estar associadas, geralmente, a outros fatores, a saber: (i) à produção das páginas internas do miolo, considerando-se, por exemplo, a diagramação de capítulos em conformidade à uma estrutura (tipo)gráfica coesa, sem tantas intervenções (sobretudo quando e/ou se comparada àquela das revistas); (ii) à produção de coletâneas ou de livros em formato de coleção – orientados por determinados temas e/ou autores publicados –; (iii) à produção de reedições, quando a identidade, o vínculo e o reconhecimento em relação ao produto anteriormente produzido torna-se prioridade (a reedição de um livro até então esgotado, a exemplo); (iv) ou, ainda, quando o perfil editorial e a identidade da editora prevalecem, ou seja, situam-se em primeiro plano, de tal modo que o seu reconhecimento se sobreponha em relação ao aspecto temático a ser explorado como conceito<sup>16</sup> na elaboração do projeto gráfico. Por conseguinte, além de apresentarem o selo e/ou a identidade visual da editora em suas capas e lombadas, certos livros guardam características gráfico-visuais semelhantes em seu *layout*, mesmo quando seus conteúdos percorrem o caminho oposto, abarcando a autores e temáticas diferentes<sup>17</sup>.

<sup>15</sup> Certeau (1994) historiciza, do ponto de vista da cultura impressa, a autoridade textual como aspecto da modernidade, sendo o livro, há séculos, representante desse contexto social de legitimação de práticas e sentidos no âmbito da realidade cotidiana.

<sup>16</sup> Como sugere Haslam (2010, p. 27), o conceito pode ser caracterizado como uma abordagem que “define a natureza e o uso do texto, a fotografia e a ilustração, o número de elementos na página, o tamanho e a forma dos livros, e assim por diante”.

<sup>17</sup> Um exemplo interessante a ser observado, nesse contexto, refere-se à Edusp, que, na obra “Edusp: projeto editorial” (Martins, Rollemberg, 2001), aborda aspectos pertinentes à sua preocupação com a sua imagem editorial, representada e/ou cristalizada não somente pelo logotipo, mas também pelo seu projeto gráfico.

De outro modo, se, nas revistas, as capas possuem uma importante função comercial, seduzindo, atraindo e retendo a atenção do leitor (Vaz; Trindade, 2013), nos livros, o princípio é idêntico – senão mais evidente –, sobretudo ao se considerar que o miolo, muitas vezes, é produzido por outrem, que não o profissional capista (Paiva, 2010). Em muitos casos – e, na história e manufatura do livro tal aspecto é evidente – há uma cisão quando da produção da capa e do miolo do produto<sup>18</sup>: ocorre, assim, a divisão da produção, em relação à diagramação destes elementos estruturais (capa e miolo), observando-se, ainda, a produção das ilustrações, por exemplo<sup>19</sup>. Não raras vezes, os livros apresentam uma configuração material e um acabamento diferenciado em suas capas (no que concerne à impressão/número de cores e/ou revestimento do suporte), especialmente quando comparados ao seu interno, ou seja, ao miolo<sup>20</sup>.

Desta forma, as capas e o projeto gráfico exercem e transparecem a dimensão editorial dos produtos, ao passo que também corporificam suas dimensões comercial e institucional (Calza, 2015; Schwaab, 2013; Storch, 2012; Tavares, 2011, 2013), contribuindo para a constituição de sua identidade visual<sup>21</sup>: elemento atrelado à visualidade que pressupõe, no universo das revistas, a constituição de diferentes relações e enquadramentos, estabelecidas entre determinado título e o *meio* revista, *per se*; entre esse mesmo título e as demais publicações que conformam o seu segmento; entre o título e as demais revistas em circulação, independentemente de gênero; e/ou, ainda, entre o título em questão e outros produtos jornalísticos e editoriais, tais como o jornal e o livro, por exemplo (Benetti, 2013; Calza, 2015; Gruszynski, 2015).

Por conseguinte, e, da mesma forma, no universo dos livros, tais enquadramentos também se tornam

passíveis de observação, considerando-se o vínculo dos objetos, no que concerne à sua visualidade e identidade visual, com determinado gênero (poesia ou romance); categoria conceitual e gráfico-visual (livro de leitura sequencial ou livro *pop-up*); ou ainda com outros meios (jornalísticos e/ou editoriais) em circulação, como é aqui observado e analisado.

## Um conjunto de sentidos na edição de TIME

Na edição especial publicada em outubro de 2013, TIME orquestra um grande arquivo no qual o encontro da revista com o formato livro remete a três aspectos centrais, entrecruzados, que trabalham a favor de uma celebração – de caráter documental – específica: (i) as tensões gráfico-visuais, suas aparições e tensões materiais; (ii) a adequação do conteúdo (narrativas) aos espaços da publicação; e (iii) a representação da imagem do ex-presidente Kennedy. Estes três aspectos corporificam na edição em tela uma percepção acerca de dois eixos principais articulados, a partir dos quais pode-se pensar sua complexidade como artefato que ajuda a refletir outros produtos da cultura impressa jornalística: a identidade editorial de TIME e a atualização da memória como recurso noticioso e de “monumentalização” de figuras públicas.

A edição especial “JFK – His Enduring Legacy” possui formato fechado um pouco menor que uma folha A4, com 20,6 cm de largura e 27,8 cm de altura, lombada de 6 mm e um total de 112 páginas<sup>22</sup>, mais as quatro capas (capa, segunda capa, terceira capa e quarta capa). As capas são impressas em papel cartão, com gramatura mais rígida e o interior é impresso integralmente em papel *couché*, com gramatura tradicional de revista, em preto e branco

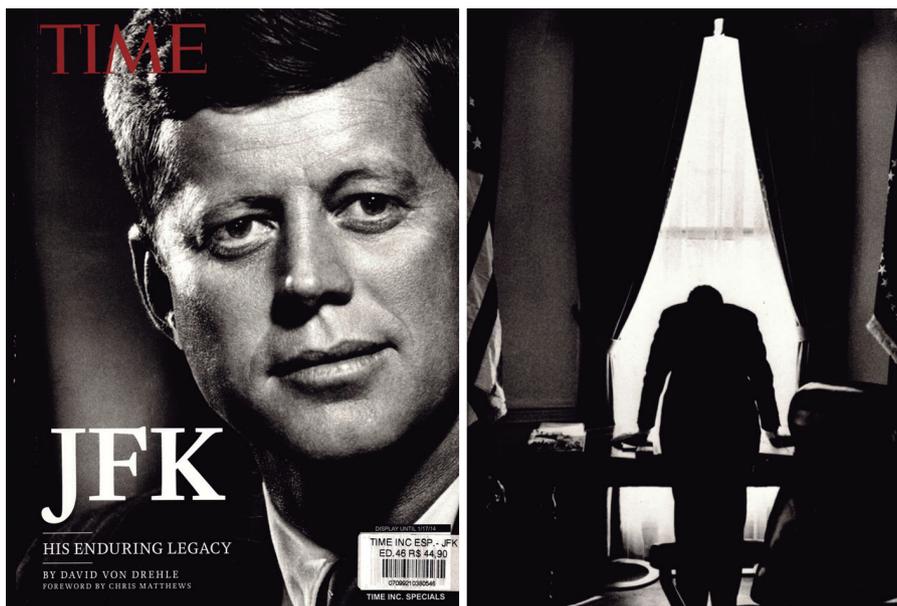
<sup>18</sup> Hendel (2003, p. 05), por exemplo, usa o termo “design de livro” para fazer referência “ao que acontece dentro do livro e não em sua capa. Embora muitas pessoas presumam que um designer faz apenas a sobrecapa, geralmente acontece o contrário. Os designers de livro [explica o autor] frequentemente não desenham as capas de seus livros. O projeto de capa é um problema tão diferente do design do miolo que se precisaria de um livro exclusivo para analisá-lo” (Hendel, 2003, p. 05).

<sup>19</sup> A divisão das atividades editoriais é evidenciada por obras como “O livro de ofícios” ou “*Ständebuch*” (1568), que apresenta uma série de ilustrações produzidas por Jost Amman relativas a diversas ocupações (Meggs; Purvis, 2009, p. 98).

<sup>20</sup> Embora este mesmo aspecto possa ser observado nas revistas, geralmente as diferenças (entre capa e miolo) repousam na gramatura e no tipo de suporte adotados, por exemplo, até mesmo porque a qualidade da impressão e o seu número de cores são priorizados na constituição de toda a sua estrutura física (externa e internamente).

<sup>21</sup> De acordo com Calza (2015, p. 160) “em um sentido mais amplo do termo [e, associado ao universo das revistas], o escopo e o universo de ação de uma determinada identidade visual estariam constituídos por quaisquer elementos ou objetos que representam uma ideia, conceito, produto ou serviço, sendo identificáveis e visíveis em seu conjunto ou em particular; se caracterizariam, em sua conformação e composição, por princípios de harmonia, coerência, repetição e unidade”.

<sup>22</sup> O miolo constituído por 112 páginas indica a produção em 7 cadernos no formato regular in 8º, ou seja, 7 cadernos com 16 páginas cada. A encadernação, colada, por seu refile, não permite tal reconhecimento, daí a possível dedução.



**Figura 3.** Capa, lombada e contracapa.

Fonte: Revista TIME, Edição Especial, 2013. Acervo de um dos autores.

e a cores, de acordo com o projeto gráfico pensado para a edição. Observa-se, já na capa e no primeiro contato com o leitor (vide **Figura 3**), o flerte da edição especial com o livro, pela quase completa ausência de chamadas e apelos destinados à captura do olhar interessado. Além disso, os dados relativos à edição e à periodicidade também são minimizados (seja em relação ao seu conteúdo ou no que diz respeito à sua configuração física); título, subtítulo e autores são incluídos de forma elegante e discreta, em posição alinhada ao logotipo de TIME, que figura isolado e ao alto, cumprindo sua função ao remeter à revista.

Atenta-se, ainda, para a dramaticidade da imagem, em preto e branco, e para a ausência da moldura já característica à publicação, limitada à sua parte interna. O reconhecimento entre as edições (já publicadas) do produto jornalístico, aqui, limita-se à aplicação do vermelho no logotipo – sendo gerado a partir do aspecto cromático. Na contracapa, o habitual anúncio publicitário é substituído por uma fotografia de John F. Kennedy, de costas ao leitor; a posição do ex-presidente acompanha o sentido e a posição da quarta-capa, em um recurso muitas vezes utilizados nos livros (é raro ou ainda pouco comum às revistas). Ademais, na segunda e na terceira capas há a completa ausência de anúncios publicitários, de forma contrária àquela observada nos periódicos.

## A singularidade como identidade editorial

O conjunto formado pelas duas capas da edição especial dá o tom memorialístico do dossiê, configurando-o como uma obra, com começo e fim, afirmando a ideia do legado estampada nos dizeres da primeira página e indicando a ideia de uma narrativa. Quem “vê de fora”, ainda sem adentrar a edição, tem, por um lado, tanto a sensação da duração (com o retrato de um jovem Kennedy, em preto e branco) e, por outro, a percepção sobre o “peso” de sua história, indicado pela silhueta de sua imagem fotografada em algum salão da Casa Branca (como pode ser percebido pelo fragmento de bandeira que aparece à esquerda da foto).

As capas da edição especial da revista, ao realizarem esse jogo temporal a partir da imagem de seu referente principal – JFK – constroem uma proposta simbólica que remete não apenas aos aspectos biográficos de Kennedy e sua “imortalidade” como jovem presidente-símbolo (pelo seu retrato e pela sua presença na Casa Branca). Marcam, desde a primeira página uma distinção e uma aproximação de TIME com sua identidade, criando, assim, uma singularização. Por um lado, o logotipo da revista aciona um traço repetitivo de serialização – indicando que tal edição é objeto de uma coleção mais ampla composta por outras

milhares de edições – e, por outro lado, o acionamento da natureza livreira marca a afirmação de que tal edição trata-se de um objeto único, exemplar inédito e – para sempre – colecionável.

Assim, convoca-se o leitor a uma relação de memória por meio do reconhecimento de uma personagem e de um periódico. E tal reconhecimento será o primeiro passo para que os aspectos articulados pela edição construam um sentido tanto para uma linha editorial – que tangenciará o elogio a um “legado” do ex-político – quanto para a própria revista – que se autorizará a “virar” livro, sendo esta operação muito mais um elemento de legitimação que uma ruptura com uma natureza material e gráfica “originária”. A revista se legitima como livro, mas também, pelo livro, se legitima como revista, fazendo valer sua identidade editorial no casamento entre a percepção de seus leitores entre dois imaginários: um sobre TIME e outro sobre JFK.

Ainda na capa, chama a atenção o fato de haver um autor principal, elemento central do produto livro. Os créditos da edição, apesar de exporem a natureza coletiva da obra (indicando repórteres, editores etc.), também deixam marcada essa diferença autoral. Na capa, logo abaixo ao subtítulo “His Enduring Legacy” há a creditação: “By David Von Drehle”, seguida da indicação de autoria de prefácio (Foreword) “by Chris Matthews”. Nos créditos, última página da edição (vide **Figura 5**), aparece novamente e de maneira separada a referência a Von Drehle, indicando seu mini currículo (como sói ocorrer no final de livros, onde há uma seção – ou a chamada “orelha” – com um a parte intitulado “Sobre o autor”). Vale marcar, entretanto, que na capa da edição de TIME, um papel importante também está posto na tensão entre o livro e a revista: a autorialidade se dá pelo próprio periódico, já que é o logotipo assume uma marca autoral na primeira página.

Outro elemento pré-textual que aproxima o periódico dos livros diz respeito à folha de rosto (**Figura 4**), que colabora com a produção de sentido da edição e mantém quase que sua função e elementos principais: reitera o conteúdo verbal da capa, caracterizada pelo título e subtítulo da edição especial, além de trazer informações sobre os autores, fazendo a apresentação da obra (Araújo, 1986, p.432); os dados relativos ao volume e/ou à edição são substituídos, neste caso, pela identidade visual da revista, que mantém o uso da cor tradicional – imediatamente reconhecível ao leitor.

Como já dito, da estrutura da revista (ou de uma revista), a publicação incorpora a seção “credits”, fazendo

menção, nas suas páginas finais, aos colaboradores e à sua estrutura jornalística. Mantém-se fiel, desta forma e nesse sentido, à sua natureza, reforçando e evidenciando, através do elemento, suas dimensões editorial, institucional e comercial – embora esta última seja colocada em segundo plano, em razão da praticamente mínima ou inexistente presença de anúncios publicitários (aspecto que também reforça a aproximação do produto ao livro).

Exceto pela expressão “contents”, o sumário da publicação já se aproxima ou sugere, novamente, a aproximação de TIME ao universo dos livros: o periódico estrutura-se a partir de capítulos, com discreta ênfase às suas páginas (vide **Figura 5**). Se os capítulos, nos livros, conforme sugere Haslam (2010, p. 104) “representam divisões significativas dentro da estrutura editorial”, sendo, por isso, dotados de “significância visual”, na edição especial de TIME, os elementos têm sua área de inscrição delimitada pelo uso de *boxes*, inseridos sobre as fotografias. Seu *layout* é caracterizado, ainda, pela presença de imagens vazadas na composição, com a ênfase para as fotografias, que ocupam espaços generosos.

São “contidas”, aqui, as interações entre imagens e textos, conforme pode-se observar na **Figura 6**, de tal forma que essas relações apontam para o processo de apuração extenso realizado na produção da edição, demonstrando a existência de um conjunto de dados e de uma curadoria sobre eles. É neste ponto, pela percepção acerca do volume de conteúdos, que fica evidente o trabalho de seleção e de montagem narrativa, indicando como a sequência de assuntos e temas presentes na edição tende a corroborar a ideia de um “legado duradouro”, o que seria, de alguma maneira, o “subtítulo” do pretense livro no qual se perfaz a edição. Revelam, pois, escolhas que configuram uma leitura sobre o ex-presidente, mas também acionam, propositalmente, elementos de memória dos EUA e da própria publicação já que há imagens – como se observa nos créditos – que correspondem ao arquivo de TIME.

Das revistas ou como referência direta às revistas, atenta-se aos títulos das matérias (ou daquilo que, aqui se entende por “subcapítulos”), expressos em letras garrafais, cujo corpo tipográfico contrasta àquele do texto. Além disso, verifica-se o uso do sinal gráfico “>”, abaixo do título, como importante índice de leitura, cujo intuito é orientar o leitor no seu percurso (vide **Figura 7**). O contraste dos corpos tipográficos dos títulos e textos, além da presença recorrente, na edição, de destaques que acompanham os recuos propostos na narrativa principal, ao passo que também são alinhados às margens laterais, sugerem e/ou



Figura 4. Folha de Rosto x Seção Credits.  
 Fonte: Revista TIME, Edição Especial, 2013. Acervo de um dos autores.



Figura 5. Sumário e estrutura em capítulos de TIME.  
 Fonte: Revista TIME, Edição Especial, 2013. Acervo de um dos autores.



Figura 6. Abertura de capítulos em TIME.

Fonte: Revista TIME, Edição Especial, 2013. Acervo de um dos autores.



Figura 7. Dos títulos e aberturas dos subcapítulos.

Fonte: Revista TIME, Edição Especial, 2013. Acervo de um dos autores.

remetem à natureza das revistas. Tudo isso faz parte da criação de uma linearidade para a edição, construindo não exatamente uma sequência lógica de temas e situações, mas marcações (gráficas e) hierárquicas sobre o passado e o valor de seus eventos no presente. Deste modo, o uso das fontes jornalísticas também está evidenciado pela hierarquia tipográfica, realizando a marcação pelo tipo de obra da qual se trata a de revista e em qual publicação tal memória está sendo atualizada: TIME.

Por outro lado, os exemplos mobilizados (na **Figura 7** e na **Figura 8**) também sugerem a aproximação da revista ao livro em razão da própria diagramação dos textos, em uma única coluna; ademais, as legendas, por sua vez, são incluídas de forma discreta e sutil sobre as imagens fotográficas, cuja presença e peso contrapõem-se em relação aos elementos verbais; a relativa complexidade da composição tipográfica e a oscilação quanto ao tipo de elemento e ao modo como está disposto remontam ou tendem a aproximar TIME dos livros, ao passo que também “conservam” suas características enquanto revista.

Dá-se, nesse viés, também, um caráter de seriedade ao trabalho jornalístico, enfatizando, nova e visualmente, a ideia de uma extensa apuração e a valorização de um volume de texto, contrastando-o com imagens de proporcional envergadura. Na **Figura 8**, ainda, a imagem colorida do ex-presidente aponta para a variedade da pesquisa realizada, para a variação temporal do conteúdo e também para uma sensação de diversidade à imagem de JFK – ora em preto e branco, sério; ora sorrindo, em cores –.

## Atualização da memória e totalidade como traços de uma “obra” sobre JFK

Diante e, a partir de um enorme volume de fotografias, textos e infográficos, a edição impressa constrói um *puzzle* (Pignatari, 1996) de acontecimentos e eventos que misturam a vida pública e privada do ex-presidente estadunidense, em prol de um significado para sua imagem/identidade e aos moldes daquilo que Bourdieu (1998)

afirma ser uma “ilusão biográfica”. Como um todo, numa primeira visada, do começo ao fim da edição, há uma visada – jornalística, no caso – que busca “tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final” (Bourdieu, 1998, p. 185).

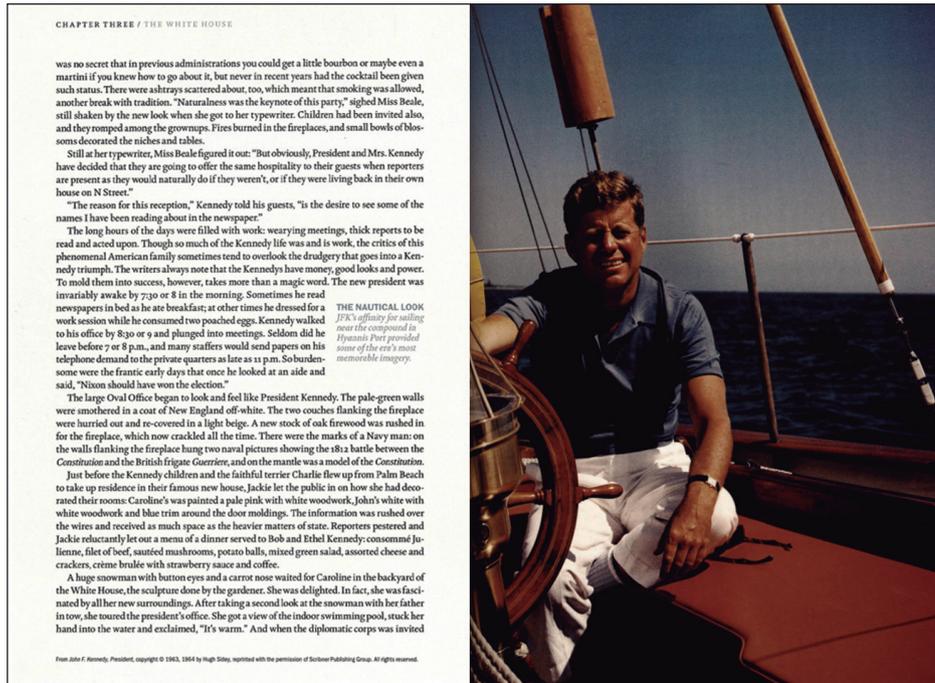
Nesse sentido, o “gesto biográfico” (Bruck; Antunes, 2017) de TIME confronta as cinco décadas da morte de JFK, buscando organizar ritmos não lineares e quebras temporais que envolvem este acontecimento, assim como atualizar “fenômenos tardios e de um futuro do passado que ultrapassa os limites biológicos da finitude da existência” (Dosse, 2009) do personagem central<sup>23</sup>. O faz, porém, explicitando seu dossiê como uma grande reportagem, estendida e configurada tal qual uma obra biográfica, fazendo oscilar aspectos jornalísticos e literários numa trama semiótica cuja visualidade assume papel central, tendo em vista um tipo de atualização que busca afirmar uma totalidade.

Nos “capítulos”/seções da edição especial, as letras capitulares e os títulos correntes (**Figura 9**) constituem-se ou situam-se em um “meio termo” entre TIME e os livros e ganham destaque nas configurações e composições tipográficas dos objetos do dossiê. Ajudam a marcar o início de partes específicas da história contada, além de realizar uma pontuação do conteúdo, dando a ele ritmo no interior do “gesto biográfico” (Bruck; Antunes, 2017) realizado, e elaborando um sentido sequencial válido para o todo da edição.

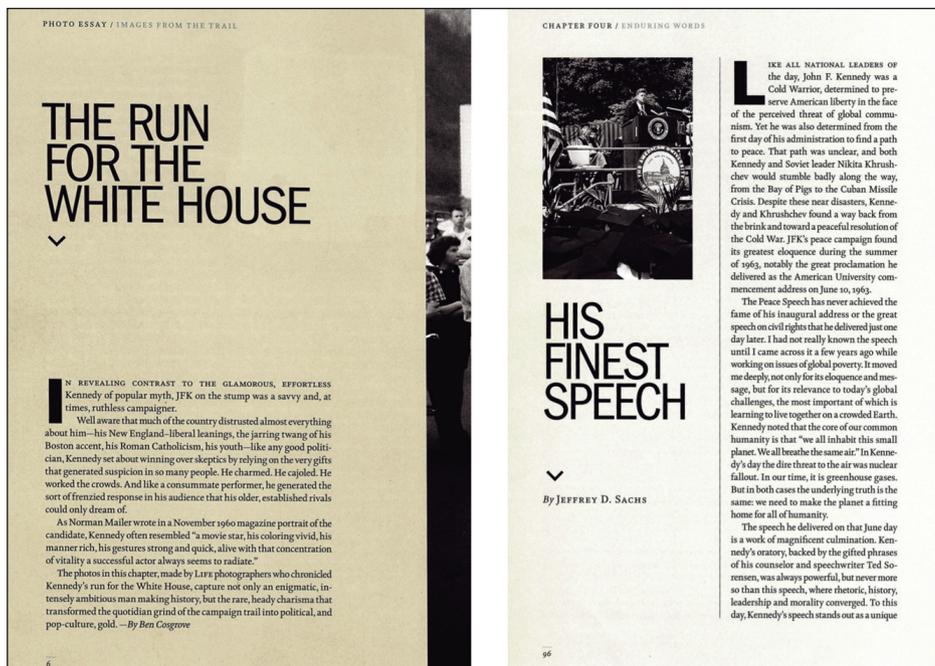
Verifica-se, ainda em TIME, a alusão à revista a partir da configuração dos textos também em colunas e/ou em unidades (blocos) definidos em conformidade ao *grid* adotado; observa-se, também, a demarcação da narrativa tipográfica em diferentes variações de corpos e estruturais (relativas aos pesos e/ou à inclinação, por exemplo): aspectos que reforçam e/ou evidenciam a variação quanto ao tipo e ao perfil de conteúdo publicado, dando a ver o perfil propriamente jornalístico do periódico; altera-se, portanto, o tipo de narrativa.

A fluidez dos textos (própria a alguns livros) é, na edição especial (e nas próprias revistas), interrompida pela

<sup>23</sup> “[...] jornalistas vêm procurando na biografia uma nova vertente para o exercício da reportagem de fôlego, buscando desvendar as trajetórias de vida de personagens que fazem parte do imaginário coletivo, seja nas artes, na política, vultos que já foram até investigados em outras obras, mas que pela multiplicidade de facetas de sua existência, permitem uma nova busca do fazer biográfico. Sujeitos do seu tempo, esses personagens, ao terem suas existências resgatadas pelos biógrafos, são apresentados com um novo significado, não como uma reinvenção da sua existência, mas com outra possibilidade de entendimento e registro de memória e de valor da sua trajetória” (Fonseca; Vieira, 2011, p. 106).



**Figura 8.** Contraste entre textos e imagens no layout.  
 Fonte: Revista TIME, Edição Especial, 2013. Acervo de um dos autores.



**Figura 9.** Marcações temporais e temáticas.  
 Fonte: Revista TIME, Edição Especial, 2013. Acervo de um dos autores.

presença de outros elementos verbais, o que não significa uma fragmentação dentro da “obra”, mas mecanismos de afirmação das fontes jornalísticas utilizadas, e a construção de uma informação visual-tipográfica que evidencie personagens para além dos retratos (**Figura 10**), criando um conjunto de conteúdos que busca esgotar as possibilidades narrativas sobre o personagem retratado a partir de um sentido de complementaridade e coesão. Nestas fotografias, inclusive, ao longo da edição, é Kennedy quem predomina, havendo, assim, um caráter de álbum dentro do dossiê, que o faz dialogar com outro tipo de formato e materialidade específicos, voltados para a imagem fotográfica, e que contribuem para a modalização de ideias de passado e de um tipo de passado a ser lembrado. A edição não segue uma cronologia exata, mas aposta na passagem temporal por meio de temáticas como elemento que, junto às fotografias, também articula uma narrativa e elege o quê e como deve ser lembrado, fazendo funcionar um mecanismo de atualização de memória e, conseqüentemente, de construção institucionalizada de uma memória coletiva.

Por outro lado, as interações entre a tipografia e as imagens remetem à (natureza) da revista: no primeiro caso, o texto acompanha o contorno da figura, que evoca a presença (ou a ausência) das colunas – recurso até certo ponto comum em revistas semanais, por exemplo –; no segundo, as letras invadem a área da imagem, na conformação do título da matéria (subcapítulo) (**Figura 11**).

Por fim, o uso dos infográficos orienta ou sintetiza a informação, já que estes caracterizam-se como produção exemplar daquilo que se entende por revista, na medida em que esta pressupõe a atualização e a busca da informação em grau necessário para situar e elucidar o leitor diante de certo acontecimento. Ao tratar a informação gráfica e visualmente, com certa objetividade e especificidade, os infográficos promovem o resgate da memória e do passado, mesmo que toda a edição tenha sido construída com este propósito.

Assim, no caso do dossiê, os infográficos cumprem um papel de síntese também da própria obra, o que seria uma “inovação” perante o livro. Há um conjunto deles, o que cria uma sensação de completude em relação ao conteúdo, e também, mais uma vez, de apuro sobre os dados. De certa maneira, é também uma forma de a publicação (auto)afirmar-se, usando de tal recurso como elemento de uma identidade reconhecida pelos próprios leitores e que servirá de elemento fundamental para o compartilhamento dos significados expostos pela publicação em relação ao passado por ela ora atualizado.

Ademais, na tensão entre a dimensão factual e ficcional do biográfico (Bruck e Antunes, 2017; Fonseca e Vieira, 2011), os infográficos possuem papel relevante na construção e exposição de contextos que envolvem e extrapolam o assunto principal (**Figura 12**), situando o ex-presidente Kennedy numa certa historicidade, que faz funcionar, jornalisticamente, a pretensão de unicidade que permeia a “obra” ali construída e sua totalidade. As infografias acabam por recortar uma série de fragmentos e organizá-los, criando um conjunto de pequenos presentes que remetem ao passado vivido. Estão citados, por exemplo, lançamento de filmes, visibilidade de hábitos culturais, de bens de consumo, acontecimentos históricos (com ênfase em aspectos políticos); tudo isso fazendo uma mescla com a vida de JFK e, ao mesmo tempo, construindo um sentido de indissociabilidade entre temporalidades distintas em prol de uma narrativa.

No conjunto de todos esses elementos gráfico-visuais e textuais, vê-se funcionar um projeto gráfico que trabalha em favor de uma personagem e na estruturação de um formato específico de produto jornalístico, uma edição especial, um dossiê. Há, pois, uma metadiagramação ao longo do volume de outubro de 2013, já que as materialidades comunicativas que nele se entrecruzam fazem funcionar uma autorreferência midiática e um tipo específico de produção sobre o passado, atrelada a imaginários institucionais (jornalísticos) e sociais.

## Considerações finais

A análise da revista TIME revela uma série de tensões existentes entre a revista e o livro, que extrapolam e/ou reconfiguram a sua dimensão conceitual, provocando, no leitor interessado, inquietações sobre a sua identidade e a sua natureza – em seus aspectos jornalístico, editorial e gráfico-visual. Duas materialidades comunicativas são, então, relacionadas, de modo híbrido, tanto em seus *dizeres*, quanto em seus *fazeres* e em sua própria *forma*. Aproximam-se por um interesse particular: uma pauta histórica. Fio condutor que (i) evoca e revela a vocação de TIME; (ii) que manifesta e evidencia a inclinação do periódico na cobertura de certos acontecimentos, aprofundando temas através de narrativas verbais e visuais que resgatam a memória e, por isso, dialogam com o objeto-livro; e que (iii) evidencia a natureza colecionável da revista, neste caso em razão do conjunto de fatos “coleccionados” e/ou “coleccionáveis”, acerca de uma importante figura histórica, traduzidos e estruturados em capítulos.

A revista se autorreferencia, ao evocar seu próprio

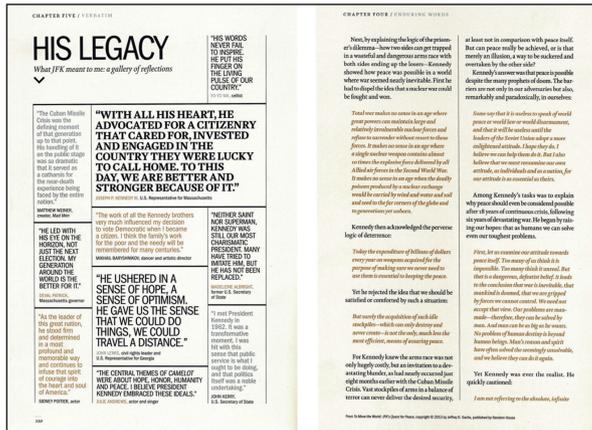


Figura 10. Usos tipográficos para diversificação das fontes.  
 Fonte: Revista TIME, Edição Especial, 2013. Acervo de um dos autores.



Figura 11. Relação entre texto e imagem.  
 Fonte: Revista TIME, Edição Especial, 2013. Acervo de um dos autores.



Figura 12. Infografia Linha do Tempo.  
 Fonte: Revista TIME, Edição Especial, 2013. Acervo de um dos autores.

conteúdo e interesse contínuo por uma pauta política/social/pública, aproximando-se do livro em razão da extensa narrativa, configurada e denominada sob a forma de “edição especial”. A narrativa histórica da edição remete, ainda, às origens e à história dos produtos editoriais, considerando-se o retorno ao livro como objeto tradicional e/ou canônico, do qual derivam os outros produtos jornalísticos – o jornal, inicialmente, e depois as revistas (Calza, 2015; Sousa, 2005) –.

Reconhece-se que o projeto gráfico de TIME está configurado como outro elemento mediador de memória, na relação entre a revista e o livro, pois remete à pauta histórica ao trazer, do universo dos livros, uma série de elementos que conduzem a narrativa e o leitor ao passado. Além disso, o projeto gráfico também apresenta certa fluidez (Calza, 2015; Gruszynski, 2015), já que, ao passo que permite ao leitor o reconhecimento de TIME – em razão da aplicação de sua identidade visual, do uso (contido) da cor vermelha, ou da adoção reiterada das molduras –, também aproxima o título do livro, seja nas composições textuais e tipográficas, no modo de apropriação das fotografias, ou, ainda, na própria estrutura do conteúdo (em sua capa ou em seu miolo, por exemplo).

Entretanto, uma ressalva, aqui, torna-se pertinente: TIME atende a contextos e dimensões específicas – temporais, jornalísticas, materiais e gráfico-visuais –, de tal forma que à sua aproximação em relação ao objeto-livro, *per se*, não cabe generalizações. Além disso, a própria aproximação de outras revistas em relação ao objeto deve ser ponderada, já que aspectos econômicos, estruturais, editoriais e/ou relativos à periodicidade (mais ou menos ampliada, dependendo do produto e do segmento) determinam o modo como resultam sua aparência física, gráfico-visual e sua estrutura editorial. Ademais, deve-se considerar que, embora os enquadramentos visuais propostos pelo projeto gráfico abarquem diferentes produtos – para além de sua origem, natureza e/ou segmento –, possibilitando fluxos e influências mútuas entre livros e revistas (e vice-versa), são inúmeras as tipologias e os produtos existentes e em circulação, cabendo, a toda e qualquer análise, em seu alcance, respeitar suas (categorias e) especificidades.

Nesse sentido, há, também, na edição de outubro de 2013, uma singularidade, que merece ser aqui reconhecida: a *musealização* jornalística efetivada a partir do dossiê reforça a *tradição* quanto à importância das personagens políticas e sua perpetuação pela mídia estadunidense, mas, ao mesmo tempo, marca mais um momento da história de vida existente na relação que políticos e

revistas assumem entre si nos EUA. A edição de TIME, por isso, reafirma a ideia de um legado, em meio a uma tensão jornalística entre história e memória (Barbosa, 2008, 2017) que acompanha a trajetória simbólica da imagem de Kenedy e também a atualiza, organizando uma revista-livro sobre ele. Compósito esse que nasce para ser guardado e, futuramente, passar a ladear outros artefatos que fazem parte de sua duração – tal qual a edição de LIFE, de 2017 – dando a ver a materialização de uma memória coletiva e de um fazer jornalístico e editorial em suas nuances, em seu próprio legado e naquilo que, sobre isso, se pode (e se pôde aqui) problematizar.

## Referências

- APPLETON, S. 1998. The Mystery of the Kennedy Assassination: What the American Public Believes. *The Public Perspective*, 9(6): 12-17.
- ARAÚJO, E. 1986. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira; Brasília, INL - Instituto Nacional do Livro.
- BAIL, C. A. 2012. The Fringe Effect: Civil Society Organizations and the Evolution of Media Discourse about Islam since the September 11th Attacks. *American Sociological Review*, 77(6): 855- 879.
- BANTA, T. 1964. J. The Kennedy assassination: early thoughts and emotions. *Public Opinion Quarterly*, 28(2): 216–224.
- BARBOSA, M. 2017. Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações. In: C. MUSSE; H. VARGAS; M. NICOLAU (org), *Comunicação, mídias e temporalidades*. Salvador, EDUFBA, p. 19-36.
- BARBOSA, M. 2008. Meios de comunicação e usos do passado: temporalidade, rastros e vestígios e interfaces entre Comunicação e História. In: A. P. G. RIBEIRO; M. HERSCHMANN (org), *Comunicação e História. Interfaces e novas abordagens*, Rio de Janeiro, p. 83-96.
- BELO, E. 2006. *Livro-reportagem*. 2 ed, São Paulo, Contexto.
- BENETTI, M. 2013. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: R. SCHWAAB; F. TAVARES (org), *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre, Editora Penso, p. 44-57.
- BERND, Z. 2013. *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros*. Rio de Janeiro, Fino Traço Editora.
- BODNAR, J. 1994. *Remaking América. Public memory, commemoration, and patriotism in the 20th century*. New Jersey, Princeton University Press.
- BOURDIEU, P. 1998. A ilusão biográfica. In: M. FERREIRA; J. AMADO. *Usos e abusos da história oral*. Rio de

- Janeiro, Editora da FGV, p. 183-191.
- BRACKEN, C.; JEFFRES, L.W., NEUENDORF, K., KOPF-NAN, J.; MOULLA, F. 2005. *How cosmopolites react to messages: America under attack. Communication Research Reports*, **22**(1): 47-58.
- BRUCK, M. S.; ANTUNES, R. 2017. Jornadas e heróis nos perfis da Revista Piauí: um estudo sobre gestos biográficos no Jornalismo. *Contracampo*, **36**(3): 235-255.
- CALZA, M. U. 2015. *A identidade visual no projeto gráfico de revistas de moda*. 2015. Porto Alegre, RS. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 355 p.
- CHARTIER, R. 1990. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- CERTEAU, M. de. 1994. *A Invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- DOSSE, F. 2009. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. São Paulo, Edusp.
- DUYVESTYEN, I. 2004. How New is the New Terrorism? *Studies in Conflict & Terrorism*, **27**(5): 439- 454.
- FEBVRE, L. 1992. *O aparecimento do livro*. São Paulo, Unesp.
- FEDLER, F.; SMITH, R.; MEESKE, M. 1983. Time and Newsweek Favor John F. Kennedy, Criticize Robert and Edward Kennedy. *Journalism Quarterly*, **60**(3): 489-496.
- FONSECA, V. P.; VIEIRA, K. 2011. A biografia como acontecimento jornalístico. *Libero*, **14**(28): 99-108..
- GELPLI, C.; ROSELLE, L.; BARNETT, B. 2013. Polarizing Patriots: Divergent Responses to Patriotic Imagery in News Coverage of Terrorism. *American Behavioral Scientist*, **57**(1): 8- 45.
- GEORGE, A. L. 2013. *The assassination of John F. Kennedy: political trauma and american memory*. New York, London, Routledge.
- GREENBERG, B. S.; PARKER, E. (org). 1965. *The Kennedy Assassination and the American Public. Social Communication in Crisis*. Stanford, Stanford University Press.
- GREENBERG, B. 1964. Diffusion of News of Kennedy Assassination. *Public Opinion Quarterly*, **28**(2): 225-232.
- GRUSZYNSKI, A. C. 2015. Design editorial e publicação multiplataforma. *In Texto*, **34**(3): 571-588.
- GRUSZYNSKI, A.; CALZA, M. U. 2013. Projeto gráfico: a forma de um conceito editorial. *In: R. SCHWAAB; F. TAVARES (org). A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre, Editora Penso, p. 203-220.
- HALBWACHS, M. 2013. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- HASLAM, A. 2006. *O livro e o designer II. Como criar e produzir livros*. São Paulo, Rosari.
- HENDEL, R. 2003. *O design do livro*. São Paulo, Ateliê Editorial.
- HUYSEN, A. 1996. *Memórias do Modernismo*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- KITCH, C. 2011. Keeping history together: the role of social memory in the nature and functions of news. *Revista Aurora*, **10**(1): p.64-71.
- KITCH, C. 2003. A Death in the American Family: Myth, Memory, and National Values in the Media Mourning of John F. Kennedy Jr. *J&MC Quarterly Index*, **26**(2): 294-309.
- KITCH, C. 2002. Anniversary Journalism, Collective Memory, and the Cultural Authority to Tell the Story of the American Past. *Journal of Popular Culture*, **36**(1): p. 44-67.
- Le GOFF, J. 1990. *História e memória*. Campinas, Ed. Unicamp.
- LIMA, E. P. 1998. *O que é livro-reportagem*. São Paulo, Brasileira.
- LIMA, E. P. 1995. *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo, Ed. Unicamp.
- LIVINGSTONE, H. 2004. *The Radical Right and the Murder of John F. Kennedy: Stunning Evidence in the Assassination of the President*. Baltimore, Conservatory Press.
- LUNARDELLI, A.; ROSSI FILHO, S. 2004. *Acabamento: encadernação e enobrecimento de produtos impressos*. São Paulo, Lunardelli.
- LUPTON, E. 2006. *Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes*. São Paulo: Cosac & Naify.
- MATHEUS, L. C. 2009. A mediação da história pelo Jornal do Commercio: dois séculos de um monumento ao jornalismo carioca. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, **3**(1): 109-123.
- MEGGS, P.; PURVIS, A. 2009. *História do design gráfico*. São Paulo, Cosac Naify.
- MERRILL, J. 1965. How Time Stereotyped Three U.S. Presidents. *Journalism Quarterly*, **42**(4): 653-70.
- NASCIMENTO, P. 2002. *Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*. São Paulo, Annablume.
- PAIVA, A. P. 2010. *A aventura do livro experimental*. Belo Horizonte, Autêntica; São Paulo, Edusp.
- PIGNATARI, D. 1996. Para uma semiótica da biografia. *In: F. HISGAIL, Fani (org). Biografia: sintoma da cultura*. São Paulo, Haecker Editores, p. 13-19.
- POLLAK, M. 1989. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, **2**(3): 3-15.
- RABAÇA, C.; BARBOSA, G. 2001. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Campus.
- REUBAND, K. 2010. How People Learned About the Septem-

- ber 11 Terrorist Attack and How It Affected Them: A Study in News Diffusion and Psychosocial Reactions in Germany. In: T. BECKERS, K. W; BIRKELBACH, J. Hagenah; ROSAR, U. (org). *Komparative empirische Sozialforschung. Anwendungsfelder und aktuelle Methoden in Best Practice Studien*. Wiesbaden, VS Verlag für Sozialwissenschaften, p. 437-466.
- RIBEIRO, A. P. 1998. Mídia e História: ambigüidades e paradoxos. In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Anais..., Recife, 1: 1-12.
- ROCHA, P.; XAVIER, C. 2013. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. *RuMoRes*, 7(14): 138-157.
- SATUÉ, E. 2004. *Aldo Manuzio: editor, tipógrafo, livreiro: o design do livro do passado, do presente e, talvez, do futuro*. Cotia: Ateliê Editorial.
- SCALZO, M. 2004. *Jornalismo de revista*. São Paulo, Contexto.
- SCHWAAB, R. 2013. Revista e instituição: a escrita do lugar discursivo. In: R. SCHWAAB; F. TAVARES (org), *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre, Editora Penso, p. 50-75.
- SHEATSLEY, P. B.; FELDMAN, J. F. 1964. The Assassination of President Kennedy: A Preliminary Report on Public Reactions and Behavior. *Public Opinion Quarterly*, 28(2): 189-215.
- SOUSA, J. P. 2005. *Elementos de jornalismo impresso*. Florianópolis, Letras Contemporâneas.
- STORCH, L. 2012. *O leitor imaginado no jornalismo de revista: uma proposta metodológica*. Porto Alegre, RS. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 174 p.
- TAVARES, F. M. B. 2013. Revista e Identidade Editorial: Mutações e Construções de si e de um mesmo. In: R. SCHWAAB; F. TAVARES (org), *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre, Editora Penso, p. 76-92.
- TAVARES, F. M. B. 2011. *Ser revista e viver bem: um estudo de jornalismo a partir de Vida Simples*. São Leopoldo, RS. Tese de doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 468 p.
- TSCHICHOLD, J. 2007. *A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro*. Cotia: Ateliê.
- VAZ, P. B.; TRINDADE, V. C. 2013. Capas de revistas e seus leitores: um novo texto em cartaz. In: R. SCHWAAB; F. TAVARES (org), *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre, Editora Penso, p. 44-57.
- ZELIZER, B. 1993. *Covering the Body: The Kennedy Assassination, The Media, and the Shaping of Collective Memory*. Chicago, University of Chicago Press.